

LIBERDADE DE EXPRESSÃO DENTRO DA POLÍTICA

DANIEL TRZECIAK

Deputado federal (PSDB-RS)
dep.danieltrzeciak@camara.leg.br



Quando você conversa com alguém sobre determinado assunto polêmico, certamente há conflito de ideias. Isso não quer dizer que você tenha razão e o seu interlocutor não. A divergência é natural. Faz parte.

O fato é que, primeiro, devemos saber ouvir. Depois, discordar hoje não impede de convergir amanhã. Se prevalecerem rusgas desse processo todo, a ponto de desfazer uma amizade, ou partir para a agressão física, ou mesmo desqualificar quem nos critica, daí penso que não estaremos prontos para suportar uma liberdade de expressão na sua plenitude, democraticamente aceita.

A relação na política não é diferente. Ter votado num candidato não quer dizer que você concorde com tudo, muito menos que seja conivente com seu comportamento durante a gestão. O contrário faz parte, como dito, e

faz bem. A democracia, como o pilar essencial para a construção de uma sociedade com menos desigualdades, atinge seu crescimento e sua maturidade com o dissenso. É o que ocorre num partido político: tolerar para

A democracia atinge seu crescimento e sua maturidade com o dissenso

avançar; divergir para crescer.

Quem pensa diferente não é meu inimigo. Precisamos, sim, restabelecer a ordem e o progresso. Mas não é com agressão, não é reduzindo o significado das instituições, nem mesmo legitimando manifestações que

mascaram duvidosos interesses por trás. É com diálogo e moderação. Viver em harmonia é saber ouvir e respeitar a opinião do outro. Não precisamos criar rótulos para identificar pessoas. Chamar de comunista todo aquele que se opõe às ideias do presidente Bolsonaro é o mesmo que chamar de fascista aquele que se opunha às ideias dos ex-presidentes Lula e Dilma. Uma ideologia cega, seja de que extremo for, não pode destruir bons frutos de um lado e de outro.

Em toda divergência há um ponto de consenso. O desafio é descobri-lo e, ainda mais, aceitá-lo.

Torço e trabalho para que o Brasil dê certo. Torço e trabalho para que vivamos em uma sociedade que não julgue fatos iguais com dois pesos e duas medidas; que também não se deixe ficar só na base do oito ou 80.

A CONTA DEIXADA PELA COVID-19 ESTÁ MAL DIVIDIDA

LUIZ CARLOS BOHN

Presidente da Fecomércio-RS
presidencia@fecomercio-rs.org.br



A pandemia vai deixar duas pesadas contas. A primeira delas é relativa às vidas perdidas. Essa conta será paga com dor, tristeza e saudade por cada família que perdeu um ente querido para a covid-19. Mas há ainda uma segunda conta que terá de ser paga, em reais, pela sociedade brasileira. Refiro-me aos grandes gastos que estão sendo feitos pelo governo federal para fazer frente aos prejuízos econômicos associados ao coronavírus e às medidas de quarentena.

Além da perda de arrecadação, houve gastos extras com destinação de recursos ao Ministério da Saúde, gastos com o auxílio emergencial, despesas com o seguro-desemprego, transferências de recursos para apoiar Estados e municípios, entre outros. As estimativas ainda não são definitivas, mas a maioria delas aponta para a necessidade de gastos adicionais de R\$ 500 bilhões.

Até o momento, o governo federal e o Congresso indicam que o pagamento dessa conta tem sido feito pela elevação da dívida pública federal. Vamos tomar recursos emprestados dos nossos filhos e netos para pagar a conta financeira da covid-19.

Toda a conta tem sido paga por quem não prestou concurso público. São os brasileiros de segunda linha

Há, contudo, uma forma de reduzir substancialmente a elevação do endividamento público: cortando parte dos salários dos servidores públicos estaduais, federais e municipais. Até agora, toda a conta tem sido paga por quem não prestou concu-

so público. São os brasileiros de segunda linha. Eles se aposentam em condições piores e não têm estabilidade laboral. Não é suficiente congelar os reajustes dos servidores. Isso é o mínimo. É preciso dividir a conta da covid-19 com os servidores públicos, aqueles que não têm os riscos assumidos pelos empreendedores e pelos trabalhadores da CLT.

No Rio Grande do Sul, dividir melhor essa conta é ainda mais premente. O governador já deu o exemplo moral reduzindo o seu salário. Mas isso não gera impacto financeiro. Precisamos de uma PEC que reduza, mesmo que temporariamente, os salários dos servidores públicos dos três poderes e nas três esferas de governo. Um caminho para os setores público e privado, com ou sem privilégios, receberem uma parte adequada desse boletão chamado coronavírus.

TRISTE FIM DA DITADORLÂNDIA

MICHEL GRALHA

Advogado
michel@zavagnagraalha.com.br



A história que passo a narrar seria impensada há meses, mas, infelizmente, virou realidade em um país chamado Ditadorlândia. Em fevereiro, esta nação, já acostumada com inúmeras crises, vem acompanhando os acontecimentos mundiais e os debates sobre um novo vírus. Os governantes da Ditadorlândia atentos às suas receitas e popularidade não se preocupam muito com a tal doença global e curtem, junto com seu povo, a maior festa de todas, o Carnaval.

Entra março, quando o ano finalmente se inicia, e o boato vira realidade com o registro dos primeiros casos de covid-19 no país. Descobre-se que a doença é extremamente “virulenta” e a ordem mundial é para que fiquemos em nossas residências. O povo teimoso e incrédulo não obedece. A Suprema Corte intervém e determina que os Estados e os municípios decidirão sobre a vida e a economia de suas regiões. Tal ordem é música para os ouvidos dos ditadores transvestidos de governantes que têm o prazer de exercer autoridade para colocar em prática sua tirania. São inúmeras entrevistas e “lives”. Batem no peito e, com a justificativa de proteger o cidadão, despejam ordens a seu bel-prazer. Acham razões ou até mesmo cenários futuros e incertos para justificar suas ações. Mandam abrir e fechar estabelecimentos. Criam protocolos inexecutáveis. Fiscalizam e multam! Usam pesadamente a mídia para demonstrar suposta preocupação com o povo.

Antes da pandemia, milhares morriam à espera de consultas, exames e leitos; comunidades padeciam sem saneamento básico. Agora, são estrelas ditando regras. Fazendo, dos seus cidadãos, marionetes de seus estudos. Discursam: hoje você pode sair e o comércio abrir, amanhã talvez, tenho que avaliar. Como se as relações humanas e comerciais fossem simplórias e desestruturadas. Como se a economia sobrevivesse a tamanho disparate irracional.

A iniciativa privada padecerá com a covid-19 e, ainda mais, com o “abre e fecha”. Inúmeros negócios acabarão. Não há criatividade e reinvenção que alavanquem a todos. O mundo real é muito duro e não cabe no PowerPoint das lives. Infelizmente!

Michel Gralha escreve às segundas-feiras, mensalmente.

A iniciativa privada padecerá com a covid-19 e, ainda mais, com o “abre e fecha”